

CLAUDIO, Mario. *Boa noite, senhor Soares*. Rio de Janeiro: Sete Letras, 2009. 99 p.

Luana Flavia Cotta Drummond
Universidade Federal de Minas Gerais

Como espaço de infinitas possibilidades de leitura, a obra de Fernando Pessoa, maior mito da literatura portuguesa do século XX, é sempre considerada, mas *Boa Noite, Senhor Soares*, de Mário Cláudio, é um livro que ajuda a pensá-la também como espaço de infinitas possibilidades de escrita. Aproveitando as lacunas deixadas pelo poeta na biografia de seu semi-heterônimo Bernardo Soares e na obra atribuída a ele, o *Livro do Desassossego*, o romancista português escreve por sobre o legado pessoano, a partir dele, exercitando a criação e o método em um texto auto-referencial, cuja personagem central é, ela própria, um texto.

O livro é metalinguístico desde a sua proposta; Mário Cláudio escreve uma ficção sobre a ficção, aproveita o Bernardo Soares de Fernando Pessoa para construir o seu, se esgueirando pelas aberturas que a obra pessoana dá. É o escritor consciente da atividade da escrita, refletindo, durante o próprio fazer artístico, sobre o ato de criação – preocupação que já se mostrava em seus romances biográficos *Amadeo*, *Guilhermina e Rosa*, que abordam a vida e a obra de três artistas portugueses.

Quanto a Pessoa, as reflexões sobre a arte são suscitadas imediatamente em quem se debruça sobre a sua obra. Além de os heterônimos, e mesmo o ortônimo, terem textos críticos que

chegavam a ser controversos, por vezes, Fernando Pessoa-ele mesmo não deixou de dizer sobre como a criação de tantas obras e tantas personalidades lhe parecia. Mais ainda, a heteronímia foi o espaço escolhido por ele para experimentar estilos. O poeta, para além das explicações psicológicas que dava para sua poesia multifacetada, foi um fenômeno estético, metalingüístico por existir.

Os personagens são a interação maior de *Boa Noite, Senhor Soares* com o *Livro do Desassossego*, porque misturados: alguns foram inventados, como os familiares de António, mas os do escritório foram retirados da obra de Fernando Pessoa e reinventados no romance. António Felício é, no início do livro, um jovem de 17 anos que se mudou do interior de Portugal para Lisboa, com a família da irmã, e que exerce a função de aprendiz de caixeiro em um escritório da Rua dos Douradores, onde também trabalha Bernardo Soares, como tradutor. É no espaço do armazém do Patrão Vasquez que o poeta e o menino estabelecem um contato formal e impessoal, e enquanto aos outros rapazes do trabalho Soares parece um tanto quanto esquisito, sua personalidade enigmática e esquiva envolve António.

Ao longo do livro, o jovem aprendiz conduz com o seu o nosso olhar sobre Bernardo Soares. Tudo que nos é dado saber sobre o poeta nesse romance de Mário Cláudio vem através de António, mesmo as poucas informações sobre a vida do homem, e, então, como a obra de Fernando Pessoa, o Senhor Soares é fragmentário para nós, leitores.

O poeta, apesar de cordial com todos, sempre é visto em companhia apenas de outros poetas, como Álvaro de Campos, Ricardo Reis e Vicente Guedes. Mas não são eles também heterônimos de Pessoa? A revisitação da obra pessoana é recorrente em *Boa Noite, Senhor Soares*, e encontra mesmo outras vias, complementares, além de Bernardo Soares, para não nos deixar esquecer de suas formas várias.

Sob sua cama, o menino guarda uma coleção de propagandas de viagens. Embora não pudesse empreender nenhuma delas de fato, António sonhava com os lugares que via nos encartes, como se andasse por eles sem sair do lugar. E nunca saiu. O menino torna-se homem, casa, constitui família, mas não realiza os planos que fez quando jovem. Isso, por um momento, aproxima-o do Senhor Soares, pois são ambos viajantes da imaginação – não é a poesia, no projeto poético pessoano, muito mais fingida e imaginada que vivida?

Apesar de o livro ser narrado em primeira pessoa, o capítulo quatro começa a mostrar indícios de que António teria contado sua história a uma outra pessoa, responsável por escrever suas memórias, figura que aparece no capítulo sete e que se confunde com Mário Cláudio, como se o autor estivesse escrevendo a biografia do aprendiz de caixeiro – dele ou de Bernardo Soares? Até aqui a questão sobre o fazer literário se impõe: o homem que escreverá alerta Felício para o fato de que o que ele contar será bastante diferente do que contaria o próprio António, já que cada um que escreve ou lê uma história, o faz à sua maneira.

Entretanto, o que faz os caminhos do literato e do aprendiz de caixeiro se cruzarem é o mesmo que os separa drasticamente. A convivência com Soares em nada modifica para melhor a vida de António, ele ficou sendo para sempre aquele “andarilho parado”, que não se envolveu com a literatura, apesar da admiração por Bernardo Soares, e enquanto caminha para um fim prosaico, os 50 anos da morte de Fernando Pessoa se completam, por ocasião do que os restos mortais do poeta são transferidos com louvores para o Mosteiro dos Jerônimos, em Lisboa, e o homem considerado o grande gênio da literatura portuguesa moderna, assume, enfim, ares de mito.